



SEGURANÇA E DEFESA EUROPEIA

Página 2

OS MÚLTIPLOS FUTUROS DA EUROPA

Página 3

A RADICALIZAÇÃO DA LUZ SOLAR

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA

Página 5

2024 E MAIS ALÉM

Página 6

Dando cumprimento aos objetivos de afirmação e participação da comunidade jovem portuguesa no debate sobre as matérias de segurança e defesa europeia, surge, no âmbito da produção da 4ª Edição das Tertúlias EDJ, o respetivo Boletim Tertúlia.

Procurando cumprir os objetivos a que as Tertúlias EDJ se propuseram, desde o momento da sua criação, tais como: (1) criar debates relevantes e reflexões sobre as matérias de segurança e defesa europeia, (2) promover o encontro e debate geracional da EuroDefense-Portugal com os jovens, (3) promover o diálogo e interação com organismos relevantes, e também atividades no seio académico, o Boletim Tertúlia pretende dar continuidade aos mesmos, convidando todos os interessados a produzir um debate escrito sobre os tópicos discutidos durante as Tertúlias. Desta forma, não só se sublinha a importância que as Tertúlias têm, como meio eficaz de produção e discussão de conhecimento, como também se afirmam enquanto um meio de debate geracional e académico de matérias de Segurança e Defesa.

O presente, e segundo volume dará conta da terceira Tertúlia, inserida na 4ª Edição das mesmas, onde se abordou, através da participação do Professor Doutor João Rucha Pereira e do Engenheiro Paulo Moniz, o imenso universo dos desafios que gere o debate pela segurança cibernética das nossas sociedades, cada vez mais vulneráveis a ataques malfeitores a infraestruturas críticas, constituídas com base nos sistemas de gestão digitais.

Resta-me apenas desejar ao caro(a) leitor(a) uma boa leitura e convidar a participar nas futuras Tertúlias e Volumes deste Boletim Tertúlia.

Com elevada consideração e amizade,

Vitaliy Venislavskyy

Presidente EuroDefense-Jovem Portugal



Cibersegurança—Proteção de Infraestruturas Críticas





SEGURANÇA E DEFESA EUROPEIA

REESTRUTURAÇÃO DO SECTOR EUROPEU DA DEFESA Consolidação e internacionalização

A defesa constitui um sector industrial bastante atípico. Devido à natureza sensível dos seus produtos, foi durante muito tempo estritamente protegido pelos Estados e "colocada fora dos limites da economia de mercado livre. Os países com uma base industrial relevante têm tradicionalmente procurado a autossuficiência na produção de armas para a segurança nacional. O controlo dos Estados sobre a sua indústria nacional tem frequentemente abrandado ou mesmo impedido as tentativas de cooperação europeia transfronteiriça. Este facto acabou por resultar numa fragmentação significativa da indústria de defesa europeia.



Reestruturação do sector europeu da defesa

FINANCIAMENTO DA INDÚSTRIA DA DEFESA

Uma comparação do clima de investimento na União Europeia, nos Estados Unidos e na China

A despesa militar global aumentou 3,7 por cento em termos reais em 2022, atingindo um recorde de 2,24 biliões de dólares. Os Estados Unidos, a China e a União Europeia (como as despesas nacionais agregadas dos seus países membros) constituem os três maiores.

Dada a procura crescente, os governos e a indústria da defesa estão a aumentar os seus investimentos. A avaliação dos pontos fortes e fracos de cada mercado será essencial para determinar os passos necessários a dar.



Financiamento da indústria da Defesa

O IMPERATIVO DAS AQUISIÇÕES CONJUNTAS NA EUROPA

Desfragmentar o nosso sector da defesa

O relatório "Future Shocks" de 2023 do Serviço de Estudos do Parlamento Europeu aponta as mudanças drásticas no panorama da segurança europeia após a invasão russa da Ucrânia e o regresso da guerra em solo europeu. A Europa enfrenta uma ameaça convencional e não convencional multifacetada que exige uma ação a curto, médio e longo prazo por parte dos decisores políticos europeus. A arquitetura de defesa europeia deve ser profundamente transformada para enfrentar a nova urgência geoestratégica.



O imperativo das aquisições conjuntas na Europa

A EXTERNALIZAÇÃO DA DEFESA E DA SEGURANÇA NO ÂMBITO DA POLÍTICA COMUM DE SEGURANÇA E DEFESA

O envolvimento polémico do Grupo Wagner na Ucrânia e na política interna da Rússia lançou recentemente luz sobre as empresas militares e de segurança privadas (PMSC). Antes disso, a PMSC americana Blackwater, atualmente Academia, também atraiu a atenção do público por má conduta durante o seu envolvimento no Iraque. Embora a subcontratação de tarefas de defesa e segurança a atores privados pelas autoridades públicas remonte a séculos, as PMSC são uma tendência estritamente pós-Guerra-Fria.



A externalização da defesa e da segurança no âmbito da PCSD



A UE E O NORTE DE ÁFRICA Perdido na recalibração

Ver mais

Os Estados do Norte de África são importantes para a UE enquanto vizinhos, parceiros e fontes de (in) estabilidade política e económica. Embora grande parte da atenção tenha sido desviada para leste na sequência da guerra na Ucrânia, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito continuam a desempenhar um papel importante na estabilidade e segurança a longo prazo da vizinhança europeia. Esta situação tem sido posta à prova nos últimos anos pelo conflito civil em curso na Líbia, pela instabilidade económica crónica na Tunísia e no Egito e pelas disputas entre a Argélia e Marrocos sobre a região do Saara Ocidental. Tudo isto vem juntar-se às pressões a longo prazo, como as alterações climáticas e a transição energética, que ameaçam exacerbar muitas das fraquezas económicas estruturais subjacentes e minar ainda mais o contrato social entre os cidadãos da região e os seus governos cada vez mais autocráticos.



ESCALADA DA GUERRA NA UCRÂNIA Lições aprendidas e riscos para o futuro

Ver mais

Apesar das perdas devastadoras sofridas pelas forças armadas russas e pelas forças armadas e população civil ucranianas na sequência da invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022, ambas as partes se abstiveram de recorrer a várias opções de escalada até à data. Embora a Rússia tenha intensificado os seus ataques contra a Ucrânia de várias formas, incluindo ataques contra infraestruturas críticas e a população civil, tem-se absterido de outras opções - o que é notável, tendo em conta os elevados riscos para o Kremlin e as potenciais capacidades que a Rússia poderia utilizar no conflito. No entanto, se as perdas territoriais, de pessoal e de material da Rússia continuarem a aumentar sem que se registem melhorias no campo de batalha, o Presidente Vladimir Putin enfrentará um conjunto de escolhas desagradáveis. No limite, o conflito oferece cenários plausíveis para que a Rússia se torne o primeiro Estado a utilizar armas nucleares numa guerra desde 1945.



A EUROPA E O CONFLITO DE GAZA

Ver mais

A Europa está dividida quanto ao conflito entre Israel e o Hamas e tem poucas boas opções para o enfrentar. Mas os europeus não conseguirão escapar às consequências do conflito. A reação da Europa ao conflito entre Israel e o Hamas tem sido caótica. Imediatamente após os massacres de civis israelitas perpetrados pelo Hamas, a 7 de outubro, o comissário europeu responsável pelo alargamento, Olivér Várhelyi, anunciou unilateralmente que a UE iria cortar a sua ajuda à Autoridade Palestiniana, dando origem a uma polémica com outros comissários e a repreensões públicas por parte dos Estados-membros. A atenção centrou-se também no apoio incondicional da Presidente da Comissão, Ursula von der Leyen, a Israel durante a sua visita improvisada ao país. A sua relutância inicial em apelar a Israel para que respeite o direito humanitário internacional na sua luta contra o Hamas contrastou fortemente com a abordagem de outros dirigentes da UE.

DGAP

OS MÚLTIPLOS FUTUROS DA EUROPA

[Ver mais](#)

Quatro cenários futuros para o posicionamento geopolítico da Europa em 2030

Nos últimos 15 anos, uma série de perturbações e crises abalaram o otimismo da década de 1990, segundo o qual a União Europeia iria progredir de forma constante no sentido de uma integração mais ampla e profunda e de um maior bem-estar para os seus cidadãos. Mas a crise financeira mundial, a crise migratória, a pandemia de COVID-19 e a eclosão de conflitos armados no continente europeu revelaram múltiplas vulnerabilidades e lacunas na capacidade de ação das instituições europeias, das administrações nacionais, dos sistemas económicos e financeiros e das sociedades. Estas crises puseram seriamente em causa a nossa capacidade de resposta e de recuperação face a tais turbulências. Além disso, os efeitos das alterações climáticas ou das tecnologias emergentes tornaram-se tendências importantes e abrangentes que moldam a geopolítica. Os seus impactos já se fazem sentir, muitas vezes com consequências negativas para a saúde humana e a resiliência económica. Além disso, as crescentes tensões entre as duas nações mais poderosas, os Estados Unidos e a China, anunciam uma nova competição entre países democráticos e regimes autocráticos que terá um impacto significativo nos assuntos mundiais.



A ABRDAGEM NEXUS

[Ver mais](#)

Conciliar o clima, a segurança humana e as alterações demográficas em tempos de crise permanente

O início de um novo ciclo institucional e o desenvolvimento da Agenda Estratégica do Conselho Europeu suscitarão preocupações quanto à capacidade da UE para responder a múltiplos problemas de uma forma mais sistémica e consciente.

Por conseguinte, uma abordagem holística denexo que combine uma maior colaboração inter e intrainstitucional com uma visão estratégica e uma liderança baseada em princípios será essencial para que a UE possa dar resposta a desafios complexos. Desempenhará um papel vital na capacidade da UE para enfrentar a atual crise permanente no que respeita às alterações climáticas, à segurança humana e às transformações demográficas.

O presente documento de reflexão reconstitui a génese da abordagem "nexus" na cooperação humanitária e para o desenvolvimento, a fim de retirar ensinamentos para o pensamento estratégico da UE em relação a problemas sistémicos e profundamente interligados. Mostra como uma visão estratégica consciente, uma maior coerência e uma liderança baseada em princípios serão cruciais para que a UE possa enfrentar eficazmente desafios complexos.

SWP

A TURQUIA NA REGIÃO DO MAR NEGRO

[Ver mais](#)

As reações de Ancara à guerra na Ucrânia no contexto da dinâmica regional e da confrontação global

Em junho de 2022, a NATO adotou um novo Conceito Estratégico na sua cimeira em Madrid. Este identifica a Rússia como "a ameaça mais significativa e direta à segurança dos Aliados e à paz e estabilidade na zona euro-atlântica". Todos os membros da NATO, incluindo a Turquia, concordaram com este conceito. No entanto, nas suas relações com a Rússia, Ancara seguiu um caminho especial. Desde que a Rússia lançou a sua guerra contra a Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, a Turquia tem continuado a seguir uma abordagem paralela de dissuasão e diálogo em relação à Rússia. O posicionamento da Turquia é frequentemente comparado com o dos Estados do Sul Global que não querem escolher lados. Mas esta comparação pode ser enganadora, em parte porque existem dois níveis de conflito para Ancara: O confronto NATO-Rússia e a relação de concorrência entre a Rússia e ela própria. Esta é uma das razões pelas quais Ancara se esforça por alargar a sua cooperação militar com a Ucrânia.



DEZ PRINCÍPIOS ORIENTADORES

[Ver mais](#)

Para ajudar a cobrir as necessidades de investimento da UE

A UE está a atravessar uma situação de polícrise desde 2008. As necessidades de investimento adicional na UE para os próximos anos poderão ser superiores a 700 mil milhões de euros por ano. No entanto, há uma série de desafios que a UE terá de enfrentar nos próximos anos para satisfazer essas necessidades. Neste contexto, o presente documento propõe 10 princípios para facilitar a cobertura das necessidades adicionais de investimento da UE nos próximos anos. Estes princípios estão principalmente relacionados com procedimentos administrativos simples para libertar fundos públicos, uma utilização plena e eficiente dos fundos públicos e privados disponíveis, a coordenação entre os Estados-Membros, a definição de prioridades para as necessidades de investimento, um enquadramento regulamentar favorável ao investimento, com ambição nas principais reformas regulamentares apoiadas por negociações técnicas e políticas eficientes, uma maior confiança nos parceiros estratégicos e a prevenção de medidas protecionistas injustificadas.



A RADICALIDADE DA LUZ SOLAR

[Ver mais](#)

Cinco caminhos para uma Europa mais democrática

A "democracia europeia" é um objeto de desejo paradoxal. Todos na Europa afirmam desejá-la, mas muito poucos entre o público ou os decisores concentram nela as suas energias. Ninguém duvida de que a legitimidade democrática é vital para a integração europeia, especialmente porque cada vez mais decisões da UE estão em jogo. Uma vez que se espera que a UE atue em muitas frentes ao mesmo tempo, desde transições a longo prazo a crises e guerras que ameaçam destruir a sua estabilidade, o respeito democrático para com os seus cidadãos é, sem dúvida, o seu maior trunfo. A nível processual, a UE tem-se tornado cada vez mais democrática. Não só com a introdução de eleições diretas para o Parlamento Europeu em 1979, há quase meio século, mas também com todas as reformas dos tratados da UE desde Maastricht em 1992, foram introduzidas novas fontes de legitimidade democrática.



APOIAR E PROSPERAR

Como é que os europeus podem apoiar a Ucrânia

[Ver mais](#)

No último ano, a UE e os Estados-Membros reagiram bem à agressão da Rússia e prestaram um amplo apoio à Ucrânia. No entanto, as frustrações estão a aumentar em Kiev e os europeus têm de responder a esta situação aumentando a sua ajuda imediata e a longo prazo ao país. Se não o fizerem, estas frustrações poderão dar lugar a ressentimentos e a uma visão mais transacional e utilitária das relações da Ucrânia com os seus parceiros ocidentais. No futuro previsível, a segurança continuará a ser a prioridade absoluta da Ucrânia e terá precedência sobre todas as outras questões. Mas a segurança, a recuperação e a prosperidade futura da Ucrânia também receberão um impulso com a sua adesão à UE. A UE deve ser rigorosa quanto à implementação pela Ucrânia das medidas necessárias para a adesão à UE, mas a abertura de negociações este ano dará à UE uma vantagem para impulsionar as reformas, monitorizar de perto a sua implementação e acompanhar a Ucrânia no seu caminho para a adesão.



UMA DIPLOMACIA EUROPEIA DO HIDROGÉNIO 2.0

[Ver mais](#)

Alinhar a ambição climática e a segurança energética

Desde que a Estratégia da UE para o Hidrogénio foi apresentada em julho de 2020, o hidrogénio tem ocupado um papel central nos debates da UE sobre descarbonização, desenvolvimento de infraestruturas, política industrial e segurança energética. A ambição da UE é estabelecer-se como líder mundial na definição de normas, promovendo o desenvolvimento tecnológico e tornando-se um ator significativo no futuro comércio relacionado com o hidrogénio. O hidrogénio renovável, tanto a produção interna como as potenciais importações futuras, tem sido apontado como um potencial substituto do gás natural russo no REPowerEU. Simultaneamente, o hidrogénio surgiu como a espinha dorsal na implementação da Lei da Indústria Zero Líquida e na procura de autonomia estratégica. Uma vez que a política de hidrogénio da UE prosperou num ambiente de crise - a pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia.



CIBERESPIONAGEM

[Ver mais](#)

Um desafio para o direito internacional na era da concorrência dos serviços secretos

A ciberespionagem é um fenómeno sempre presente na atualidade internacional. A difusão global da Internet democratizou a capacidade dos Estados de se envolverem em espionagem e muitos Estados utilizam agora o ciberespaço para recolher informações de valor político, militar e económico para promover os seus próprios interesses nacionais. O baixo custo de acesso proporcionou aos países em desenvolvimento e aos Estados mais pequenos formas novas e relativamente baratas de recolher informações. Embora a ciberespionagem não tenha nivelado significativamente as condições de concorrência entre os Estados mais fracos e os mais poderosos, a espionagem de alta tecnologia já não é um domínio exclusivo dos atores mais poderosos do mundo. Atualmente, a ciberespionagem é uma das formas mais comuns de atividade patrocinada pelo Estado no ciberespaço.



DEZ ANOS DE BELT & ROAD QUO VADIS?

[Ver mais](#)

Desde o início da República Popular da China (RPC), o desenvolvimento das infraestruturas tem desempenhado um papel fundamental na política interna e externa da China. Ao longo da história da RPC, o desenvolvimento das infraestruturas assumiu diferentes proporções, formas e papéis. Após um breve período de reconstrução interna, o Partido Comunista Chinês (PCC) formulou os seus primeiros planos quinquenais (1953-57 e 1958-62). Estes planos implicavam uma abordagem do desenvolvimento ao estilo soviético, tendo como objetivo o crescimento do PIB através de uma elevada taxa de investimento. No âmbito da sua política externa inicial, na década de 1960, a RPC já instrumentalizava os investimentos em infraestruturas através de subvenções em espécie e empréstimos sem juros a nações africanas em dificuldades, de que o caminho de ferro Tanzânia-Zâmbia é um exemplo. Para a RPC, esta política era um meio de sair ativamente do seu isolamento diplomático.



A UE E A UCRÂNIA

[Ver mais](#)

Rumo a uma nova relação de segurança e defesa

A guerra na Ucrânia alterou profundamente o ambiente de segurança europeu. A União Europeia e os seus Estados-Membros estão empenhados em apoiar a Ucrânia na sua autodefesa a longo prazo. Nos últimos anos, a UE tornou-se um ator importante na área da segurança, complementar da NATO, que tem como tarefa principal a defesa coletiva. Este facto levanta a questão de saber como deve ser moldada a relação UE-Ucrânia em matéria de segurança e defesa. O presente documento tem por objetivo dar resposta a essa questão. Em primeiro lugar, os autores avaliam o impacto da guerra na Ucrânia na UE e na NATO. A secção seguinte explora as opções para melhorar as relações entre a UE e a Ucrânia em matéria de segurança e defesa. A última secção é dedicada à cooperação entre a UE e a NATO para ajudar a Ucrânia a tornar-se membro de ambas as organizações.

SUGESTÕES DE LEITURA



QUESTÕES-CHAVE NO CONSELHO EUROPEU

Ponto da situação - setembro 2023

[Ver mais](#)

Criado como uma cimeira informal em 1975, o Conselho Europeu tornou-se uma instituição formal da União Europeia, com um Presidente a tempo inteiro, em 2009, com a entrada em vigor do Tratado de Lisboa. É composto pelos Chefes de Estado ou de Governo dos 27 Estados-Membros da UE, pelo Presidente do Conselho Europeu e pelo Presidente da Comissão Europeia (artigo 15.º, n.º 2, do Tratado da União Europeia, TUE). Estes dois últimos não têm direito de voto. Nas reuniões do Conselho Europeu participa normalmente também o Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. O Presidente do Parlamento Europeu é "convidado a usar da palavra" como primeiro ponto da ordem do dia do Conselho Europeu, seguido de uma troca de pontos de vista (artigo 235.º, n.º 2, do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia, TFUE). Nas suas reuniões formais, normalmente quatro por ano, o Conselho Europeu adota "conclusões" que se destinam a identificar as prioridades políticas e as medidas a tomar pela União no seu conjunto. O papel do Conselho Europeu consiste em "dar à União os impulsos necessários ao seu desenvolvimento e definir as orientações e prioridades políticas gerais" (artigo 15.º, n.º 1, do TUE). Não pode exercer funções legislativas. No início dos ciclos institucionais de 2014-2019 e 2019-2024, o Conselho Europeu adotou uma agenda de prioridades estratégicas, destinada a orientar o trabalho da União Europeia durante o período de cinco anos.



O ESTADO DA UNIÃO EUROPEIA

Uma necessidade de unidade e de solidariedade

[Ver mais](#)

Determinar o estado atual da União é muito mais complicado do que falar sobre o seu futuro. A história de Odisseu e dos seus marinheiros, que tiveram de conduzir o seu navio entre dois grandes perigos – Cila e Caríbdis, a caminho de casa, é relevante para o estado atual da União Europeia. É claro que a União Europeia opera num ambiente complicado de muitos riscos e desafios para o navio europeu – "armamento" da interdependência económica, forte dependência das importações de metais raros e outros materiais estratégicos, protecionismo agressivo dos EUA, comportamento assertivo da China. A guerra comercial e tecnológica entre os EUA e a China não deixa de ter consequências para a União Europeia.



RECUPERAR O ÁRTICO

[Ver mais](#)


FORJAR A LIDERANÇA DA EUROPA

[Ver mais](#)

Tendências globais, agressão russa e o risco de um mundo regressivo

Em 24 de fevereiro de 2022, uma guerra em grande escala regressou à Europa. A invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia eclipsou os pressupostos de longa data sobre a estabilidade e a segurança na Europa. Mais importante ainda, na sequência de uma pandemia global, sublinhou que uma UE reacionária, que tenta "ultrapassar" uma crise após outra, não será capaz de estar na vanguarda de uma mudança positiva (global). O nevoeiro da guerra pode obscurecer as perspetivas do resultado no campo de batalha, mas continua a ser claro que as implicações da agressão russa irão desenrolar-se ao longo de muitos anos e afetar vários aspetos da ordem europeia e internacional.



O ROUXINOL CONTRA O URSO

[Ver mais](#)

O que os estudos de persuasão revelam sobre as mensagens da Ucrânia e da Rússia sobre a guerra

Na sequência da invasão russa da Ucrânia em 2022, muitos meios de comunicação social e decisores políticos ocidentais concluíram que a Ucrânia está a ganhar a guerra da informação. No entanto, a realidade pode ser mais complexa. Os investigadores utilizaram uma abordagem baseada em provas para tentar perceber se as campanhas oficiais de influência ucraniana relacionadas com a atual guerra têm sido mais persuasivas do que as russas e, em caso afirmativo, por que razão as mensagens da Ucrânia podem ter sido eficazes, enquanto os esforços da Rússia podem ter sido fracos.



ENERGIA, CLIMA, SEGURANÇA E DEFESA

[Ver mais](#)

Apresentação sumária do estudo realizado pelo EURODEFENSE Working Group (EWG 26B)

Os desafios globais resultantes das alterações climáticas confrontam a sociedade do presente e do futuro. A necessária transição energética que surge associada a este fenómeno reflete-se em todos os programas estratégicos, políticos e científicos em curso, em especial desde o início do século XXI e com particular ênfase na Europa. As políticas energéticas são muito relevantes no contexto económico e social dos Estados europeus e não escapam aos comportamentos e orientações mais gerais da geopolítica global. E afetam e condicionam de forma muito direta as questões da segurança e da defesa.



2024 E MAIS ALÉM

[Ver mais](#)

Como preparar a Aliança Transatlântica para o futuro

Até à data, os Estados Unidos e a Europa têm efetivamente mantido um consenso e uma unidade sólidos na sua abordagem à atual guerra de agressão russa contra a Ucrânia, um importante desafio geopolítico contemporâneo. No entanto, com a escalada da guerra entre Israel e o Hamas, a determinação transatlântica será testada mais uma vez.



TOMAR A INICIATIVA NA UCRÂNIA

[Ver mais](#)

Travando a guerra num mundo dominado pela defesa

As forças ucranianas mantêm a iniciativa na guerra, mas avançaram uma média de apenas 90 metros por dia na frente sul durante o pico da sua ofensiva de verão, de acordo com uma nova análise. As extensas fortificações da Rússia - que incluem campos minados, redes de trincheiras e apoio de artilharia, helicópteros de ataque e aviões de asa fixa - atrasaram os avanços ucranianos.



MEDIR O INCOMENSURÁVEL
Indicadores da resiliência do Estado russo

[Ver mais](#)

Vinte meses após o início do atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia, o que começou por ser uma guerra altamente móvel transformou-se agora numa prolongada batalha de desgaste - um teste exaustivo de determinação, vidas e recursos. Nesta equação complexa, a frente doméstica, incluindo a sua liderança e a sociedade, desempenha um papel fundamental.



UCRÂNIA
Custos da inação e benefícios da ação

[Ver mais](#)

Como os custos da ajuda militar, económica e humanitária se tornaram parte dos debates políticos em toda a Europa, decidimos tentar calcular o impacto económico da nossa ação ou apoio à Ucrânia e o impacto da inação em três cenários básicos de guerra. Depois de consultar os principais grupos de reflexão e peritos europeus, este relatório tenta lançar luz através da análise.



INTERDEPENDÊNCIA ESTRATÉGICA

[Ver mais](#)

A nova abordagem da Europa num mundo de potências médias

A ordem pós-guerra fria está a morrer. Mas a nova ordem ainda não nasceu.

A nova abordagem da Europa num mundo de potências médias. A crescente competição geopolítica entre os Estados Unidos e a China inspirou muitos a imaginar que uma nova guerra fria estruturará em breve a ordem mundial emergente. De acordo com essa visão, a competição entre duas superpotências nucleares em todos os domínios determinará essencialmente a ordem global.



QUEBRAR PADRÕES
Operações multi-domínio e guerra contemporânea

[Ver mais](#)

Os conceitos de combate moldam as nossas opiniões sobre as guerras passadas, presentes e futuras. Contêm uma crítica implícita às abordagens do passado, ao mesmo tempo que oferecem propostas para evitar erros anteriores e/ou para enfrentar os desafios atuais. Atualmente, o conceito dominante na NATO e noutras forças armadas tecnologicamente avançadas é o de operações multi-domínio (MDO). As MDO visam combinar e coordenar efeitos de ações militares e, por vezes, não militares. As diferentes forças armadas sublinham a necessidade de atuar entre serviços militares e de coordenar melhor com as autoridades civis.